

JOSÉ TRAJANO

Aqueles olhos verdes

ALFAGUARA

Carmem Miranda e Gegê
Meninos da rua Paulo
O Honved chegou
Sputnik
Sabichão bossa-nova
Pelé e Mané
Excursão maluca
Goleiro voador
Kubala, Evaristo e Heleno de Freitas
A nova capital
Reencontro com Puskas
Salve o América!
Rede da legalidade
Joãozinho da Gomeia
Seleção em Rio das Flores
Festa na Forquilha
A última emoção
Epílogo

Fontes e referências

Sobre o autor

Créditos

Para João, Bruno, Marina e Pedro, meus filhos.
Para Leila, Cássia, Cora, Luca e Maria Luísa, meus netos.
Para Rosana Miziara, minha amada.

*Tudo o que eu mais sei sobre a moral e as obrigações do
homem devo ao futebol.*

Albert Camus, goleiro do Racing de Argel e prêmio
Nobel de literatura em 1957

Gostaria de agradecer a Daniela Duarte, Rosana Miziara, Renée Zicman, João Máximo, Marcelo Ferroni, Renato Akerman, Roberto Salim, Serginho Franco e Octávio Costa.

Quem passa pela BR-135 RJ, estrada que liga as cidadezinhas de Andrade Pinto e Rio das Flores, no Sul Fluminense, encontra depois de poucos quilômetros o bar do Genésio. É fácil achar. Tem cinco degraus largos e descascados na frente, varanda com vasos de samambaias de um lado e um viveiro estreito, com galinhas, patos e perus, do outro. Parece filme de mocinho. Do lado de fora, um tronco para que as pessoas amarrem seus cavalos e um riacho ao largo.

Do outro lado da estrada, no sentido Rio das Flores, há um discreto santuário em redor de um túmulo que nunca cedeu. É o túmulo da escrava Tereza, que, leprosa, perambulava por ali e morreu debaixo da bela e frondosa castanheira que até hoje sombreia o lugar. Foi escrava na fazenda da Forquilha, a poucos passos dali.

Ao lado do túmulo caiado de branco e sempre bem cuidadinho, há dois pedaços de pau em forma de cruz com a inscrição:

JOSÉ IGNÁCIO DOS REIS morreu aqui.

O futebol deve muito a ele!

O futebol deve muito a ele? Estranho, né?

Fui atrás dessa história, que agora vou contar.

Pontapé inicial

Antes de mais nada, é preciso esclarecer que o golpe integralista foi organizado pela embaixada alemã. Os brasileiros serviram apenas como instrumentos de um plano que visava entregar o país ao governo alemão. Naturalmente, se não fosse o auxílio dos agentes alemães, eles jamais o teriam realizado, pois não tinham capacidade nem coragem para tal.

Getúlio Vargas

Era dia 26 de janeiro de 1938. Zé Reis estranhou quando o irmão mais velho, Vicente Meggiore, dono da Patioba, uma fazendinha que ele administrava em Seropédica, no km 47 da estrada Rio-São Paulo, telefonou bem cedo e pediu que ele fosse até a sua casa em Copacabana, no posto 6, para assistir ao último Fla-Flu do campeonato, que seria no estádio das Laranjeiras. Pediu também que dormisse lá, levando roupa suficiente para uma viagem de alguns dias, que começaria na manhã do dia seguinte.

Zé Reis achou esquisito porque Vicente não ligava para futebol.

Ao contrário dele, que era torcedor fanático do América por causa do Carola, cérebro do time americano nos títulos de 1931 e 1935; que assistia aos jogos do Campo Grande na Liga Suburbana; que era técnico do Rio-São Paulo Futebol Clube, time amador de onde morava; e que aos sábados ia para Copacabana jogar futebol de praia ao lado de João Saldanha, Sandro Moreyra, Sérgio Porto e Heleno de Freitas.

A paixão pelo futebol o fazia pegar a barca da Cantareira até Niterói para acompanhar o incrível jovem meia-direita Thomaz, do pequeno Byron, que disputava a Liga Fluminense contra esquadões de várias cidades do estado do Rio. E viajar à minúscula Quatis, distrito de Barra Mansa, para assistir a partidas do menino Jair, que, apesar de ser franzino e de canelas finas, tinha um canhão no pé esquerdo.

Zé Reis era louco por futebol! Lia avidamente o recém-lançado *Jornal dos Sports* e sabia na ponta da língua a escalação de todos os times, inclusive do Andaraí, Vila Isabel, Helênico, Syrio e Lybanes (onde começou Leônidas da Silva), Mangueira e Mavillis, que fecharam as portas algum tempo atrás.

Gordinho, não jogava bem, mas não lhe faltava raça e era um esforçado zagueiro. Ele gostava mesmo era de ser técnico e de conversar sobre futebol.

O Fluminense, de Romeu, Tim e Hércules, trio de atacantes que poucos meses depois jogaria a Copa do Mundo na França, conquistou o bicampeonato Carioca de 1937, disputando partidas em janeiro de 1938. Era praxe o campeonato de um ano terminar no início do ano seguinte. O tricolor ficou com o título por antecipação e o clássico contra o Flamengo serviria apenas para cumprir tabela.

Por que Vicente queria assistir à partida? Ele não estava nem aí para futebol!

Zé Reis gostou do convite, porque não tinha preço para ele assistir a um Fla-Flu recheado de craques — Tim, Romeu, Batatais e Hércules pelo Fluminense e Domingos da Guia, Fausto e Leônidas da Silva pelo Flamengo.

Ver Leônidas jogar era tudo o que o amante do futebol podia desejar. Getúlio Vargas, “o pai dos pobres”, Orlando Silva, “o cantor das multidões”, e Leônidas, “o diamante negro”, eram os ídolos da nação.

Zé Reis entrou com o velho Chevrolet na garagem da mansão de Vicente a tempo de tomar café. Ele gostava de ir à casa do irmão porque Gertrudes, a esposa de Vicente, uma alemã de encantadores olhos azuis, produzia banquetes matinais: waffles com geleias, creme de leite e manteiga, pães doces, tortas, cucas, ovos mexidos, iogurtes e sucos. Delícias que não pousavam na mesa de um solteirão como ele, que já havia passado dos trinta, mas não queria saber de casar. Apesar de baixinho e acima do peso, era um senhor namorador, e as mulheres se encantavam com os imensos olhos verdes e os causos que contava, um proseador de primeira.

Vicente não esmiuçou detalhes da viagem, disse apenas que iriam a um lugarejo perto de Valença e fariam o percurso pela serra de Petrópolis, onde pernoitariam em sua mansão no bairro do Bingen.

O Fla-Flu serviu para Vicente encontrar o amigo do peito Laís, milionário como ele, diretor do clube e tricampeão como jogador nos anos 1917, 1918 e 1919. Eles chegaram a ser sócios e fizeram muitos negócios.

Durante a partida, enquanto a torcida tricolor vibrava com a habilidade de Tim e Romeu e a rubro-negra com a genialidade de Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Fausto, a Maravilha Negra, Vicente e Laís deixaram Zé Reis sozinho nas cadeiras e desapareceram.

Zé Reis ficou ainda mais desconfiado.

No intervalo da partida, Zé Reis traçava apetitosos apfelstrudels preparados por Gertrudes, quando enxergou ao longe o irmão acompanhado de Laís do outro lado do campo, debaixo das arquibancadas, perto de uma porta contígua ao Palácio Guanabara, vizinho do estádio.

O Fla-Flu terminou em 1 a 1, gols de Leônidas e Sandro, com os jogadores do Fluminense dando uma volta olímpica pela conquista do bicampeonato e exibindo aos torcedores uma belíssima taça. Do lado

rubro-negro os rumores eram de que o técnico húngaro Dori Kürschner seria mandado embora. Vicente e Laís reapareceram nessa hora.

Zé Reis não perguntou nada ao irmão quando voltavam de carro para casa. No caminho, Vicente puxou conversa:

— Não sabia que era tão fácil passar do estádio para o palácio onde mora Getúlio. Apenas uma porta de ferro os separam.

Zé Reis ficou mais desconfiado ainda com a fala do irmão. O que estaria tramando?

Eles pouco se encontravam e, nos últimos telefonemas, Zé Reis havia notado nervosismo na voz de Vicente, a fala um tom acima do normal. Logo ele, um sujeito educado e gentil. Não era para menos. Vicente Meggiore, braço direito de Plínio Salgado na Ação Integralista Brasileira, na qual era secretário nacional de finanças, não se conformava com a extinção da AIB e a decretação do Estado Novo.

Custavam a acreditar que Vicente Meggiore e Zé Reis fossem irmãos!

Vicente era espigado, louro, tinha olhos azuis, rosto comprido, traços finos. Zé Reis era baixinho, gordinho, tinha cabelos pretos, olhos verdes e cara de bolacha. Os sobrenomes eram diferentes. Vicente, Meggiore, e Zé Ignácio, Reis. Eles garantiam ser filhos da mesma mãe, dona Matilde, mineira de Juiz de Fora. O pai de Vicente, Giácomo, italiano de Gênova, e o de Zé Reis, Antônio, português de Aveiro. Vicente nasceu em Juiz de Fora e Zé Reis, em Matias Barbosa, cidades próximas. Vicente era dez anos mais velho.

Zé Reis não gostava do envolvimento do irmão com os *camisas-verdes*, sabendo que era figura de proa do movimento, mas como dependia dele para sobreviver, não se metia a dar palpites. Vicente, influente, poderoso, o ajudava desde menino. Agradecido, Zé Reis demonstrava lealdade, pois todos os empregos que conseguiu lhe foram arrançados por ele.

O pai de Zé Reis, o português Antônio, morreu quando ele tinha dez anos e vivia com a mãe e três irmãs mais velhas. Vicente tinha um bom emprego como contador de uma firma norte-americana e ajudou como pôde os irmãos e a mãe viúva. Pagava escola, comprava roupas e mantimentos. Nunca os deixou passar dificuldades em Matias Barbosa, onde a família por parte da mãe morava em uma pequena e desajeitada chácara.

Diziam que a fortuna acumulada por Vicente começou a ser construída quando uma riquíssima viúva alemã, sem filhos ou parentes, deixou todos os bens para ele, contador e administrador de seus negócios.

Zé Reis não discutia política com Vicente, pois gostava de Getúlio, detestava Plínio Salgado e admirava Luiz Carlos Prestes. Nada a ver com as ideias do irmão.

Rasteira no Plínio

O ano de 1938 começou com intensa preocupação sobre os rumos do Estado Novo. Por quanto tempo Getúlio, o Gegê, iria se manter no poder?

Ao apagar das luzes do ano anterior, em 10 de novembro, Getúlio fechou o Congresso, no Palácio Monroe, Cinelândia, colocou a polícia nas ruas e comandou o golpe, chamando-o de Estado Novo e mandando para a cucuia a esperada eleição que seria realizada no início de janeiro. Aconteceu o que a marchinha de Carnaval de Nássara previa: “Na hora H, quem vai ficar é seu Gegê”.

Fazia oito anos que Getúlio estava no poder. Desde que deixou o governo do Rio Grande do Sul para se tornar chefe do Governo Provisório, com o golpe que obrigou Washington Luís a renunciar quase ao final do mandato, colocando ponto final na política do Café com Leite. Até então o presidente era de Minas (leite) ou de São Paulo (café). Chegava ao fim a Velha República!

Getúlio, gaúcho de São Borja, fronteira com a Argentina, advogado e depois promotor público, teve carreira política meteórica: deputado estadual, federal, ministro da Fazenda do governo Washington Luís, presidente do governo do Rio Grande do Sul.

Em 1930, apesar de derrotado nas urnas pelo paulista Júlio Prestes (1 091 709 votos contra 742 792), foi conduzido pela Aliança Liberal ao poder, deixando o candidato vitorioso a ver navios. Em 1932, derrotou a chamada Revolução Constitucionalista, quando a elite paulista desejava derrubá-lo e convocar nova Assembleia Nacional Constituinte. “Por São Paulo com o Brasil, se for possível; por São Paulo contra o Brasil, se for

preciso!”. E foi eleito presidente em 1934 de forma indireta com promulgação de nova Constituição, conseguindo, por meio de decretos e leis, assegurar o direito de voto às mulheres e a criação do salário mínimo.

Decidido, no final de 1937, a se perpetuar no poder — a reeleição era proibida pela nova Constituição —, entre baforadas de imenso charuto Havana, Getúlio justificou a instalação do Estado Novo como “a única resposta para a crise criada pela eminência da guerra civil e da guerra mundial, uma imposição da ordem com grande aceitação popular”. Pressionou o Congresso a declarar “estado de guerra”, legalizando o golpe.

Um dos pretextos para a ousadia de Gegê foi a violência verbal da campanha. Havia três candidatos a presidente: Armando Sales de Oliveira, governador de São Paulo pelo partido oposicionista, a UDB; José Américo de Almeida, candidato do governo; e Plínio Salgado, pela Ação Integralista.

Getúlio temia o avanço do integralismo. Ele havia praticamente dizimado os comunistas. Três anos antes, preocupados com a ligação cada vez mais estreita dos integralistas com Getúlio, que os tratava a pão de ló, e que segundo eles levaria o país a uma ditadura fascista, os comunistas, liderados por Luiz Carlos Prestes, organizaram a Intentona, conclamando operários, militares e camponeses a instalar um governo popular e revolucionário.

A Intentona foi abafada com embates violentos no Recife, com mais de cem mortos; em Natal, onde os comunistas ficaram três dias comandando a cidade; e no Distrito Federal, principalmente na Praia Vermelha e em alguns quartéis militares espalhados pela cidade.

Milhares de comunistas foram presos — a estimativa é de mais de 15 mil —, entre eles, Prestes, Olga Benário, Gregório Bezerra e os escritores Jorge Amado e Graciliano Ramos, condenados ou perseguidos pela cruel polícia política de Filinto Muller, sem base em lei ou jurisprudência.

Vários comunistas foram aprisionados no navio *Pedro I*, do Lloyd Brasileiro, que funcionou como cadeia flutuante. A maioria foi levada para os presídios de Fernando de Noronha e Ilha Grande.

Prestes ficou preso e incomunicável por nove anos, e sua mulher Olga, grávida, deportada e entregue aos nazistas, morreu numa câmara de gás no campo de extermínio de Bernburg. Graciliano Ramos amargou na prisão da Ilha Grande e escreveu *Memórias do cárcere*, lançado somente depois de sua morte.

As rádios tocavam o grande sucesso “Yes, nós temos banana”, de João de Barros e Alberto Ribeiro, com a extraordinária Carmem Miranda, que no mesmo ano se mudou para os Estados Unidos e de lá só regressou morta. “Carinhoso”, de Pixinguinha, com letra de João de Barros, arrebatava na voz de Orlando Silva.

Os cassinos Copacabana Palace e Atlântico, no posto 6 e na praia da Urca, atraíam ao Rio de Janeiro milhares de pessoas que assistiam aos shows com grandes estrelas nacionais e internacionais e jogavam nas mesas de pôquer, baccará, black-jack, trinta-quarenta, campista e roletas mágicas de 37 casinhas.

Os imensos e elegantes salões eram frequentados pela alta sociedade do Rio de Janeiro e de São Paulo e por celebridades de todo o mundo, que circulavam bebendo champanhe e se empanturrando com os regabofes dos maiores chefs da época. O Golden Room do Copacabana Palace esbanjava luxo, com escadarias de mármore de Carrara ornadas com brasões de bronze veneziano.

Cassinos em Lambari, Poços de Caldas, São Lourenço, Araxá, Cambuquira, Santos, São Vicente, Guarujá, Niterói e Petrópolis faturavam para valer, recebendo turistas de todas as partes do país e de países vizinhos e empregando muita gente do meio artístico, como músicos, maestros, cantores e dançarinas. O jogo, oficializado em 1933, estabelecia que os cassinos fossem obrigados a repassar parte dos lucros para entidades de assistência social.

Vicente Meggiore era um dos frequentadores mais conhecidos do Copacabana Palace, a poucos passos de sua mansão. Embora desse para ir a pé, ele se exibia chegando ao hotel dirigindo um dos três carros norte-americanos que tinha na garagem. Ele e a mulher Gertrudes não eram de jogar, mas se deliciavam no salão de baile, onde assistiam a shows grandiosos e papeavam com outros grã-finos.

Zé Reis e uma turma de amigos de Campo Grande e Seropédica organizavam caravanas para jogar no Hotel Cassino Icaraí, em Niterói, de quinze em quinze dias. Apesar de faustoso, não tinha a banca e o luxo dos cassinos do Rio. A viagem era demorada, porque tinham que atravessar de barca, deixando os carros na praça XV para ganhar tempo.

No Rio de Janeiro, Distrito Federal à época, viviam mais de um milhão de almas. Os ricos moravam em palacetes em Copacabana, Flamengo, Botafogo, Laranjeiras, Gávea e Jardim Botânico, na Zona Sul, e, como Vicente Meggiore, possuíam casas de veraneio nas serras de Petrópolis e Teresópolis.

No centro da cidade, o povaréu vivia em cortiços e casas de cômodos. Eram milhares de famílias de operários, descendentes de escravos, imigrantes portugueses e gente que vinha de outros lugares tentar a sorte na capital, principalmente nordestinos, que, tendo seus lares destruídos pela “higienização”, o chamado Bota-Abaixo do prefeito Pereira Passos, foram subindo os morros (Providência, São Carlos, Santo Antônio). De uma tacada foram destruídas setecentas habitações coletivas.

Os remediados, funcionários públicos e profissionais liberais ainda viviam em casas, casas de cômodos e pensões no Centro, na Tijuca, em Aldeia Campista, Vila Isabel, Rio Comprido e Estácio, em subúrbios costeados por linhas férreas da Central do Brasil e da Leopoldina ou em pequenas chácaras e casas na zona rural, região de Campo Grande, Mendanha, Santa Cruz, Realengo e arredores.

Interventores ligados a Getúlio eram nomeados a torto e a direito: Adhemar de Barros em São Paulo, Amaral Peixoto no Distrito Federal e

Benedito Valadares em Minas. E o bando de Lampião, depois de anos barbarizando no sertão, se viu cercado em Sergipe.

Em vez de tornar a Ação Integralista base de sustentação do seu governo, com mais de um 1,5 milhão de seguidores, desfilando dias antes do golpe com 50 mil simpatizantes diante do Palácio do Catete e lançando a candidatura de Plínio Salgado à presidência aos gritos de *anauê* (em tupi, “seja meu irmão”), a saudação dos integralistas, Getúlio descartou-a. Extinguiu os partidos políticos sob a justificativa de que “o Estado, segundo a ordem nova, é a Nação, e deve prescindir, por isso, dos intermediários políticos”.

Proibiu também “milícias cívicas de qualquer espécie”, vetando terminantemente o uso de uniforme, estandartes, distintivos e outros símbolos dessas agremiações, cravando uma estaca no coração dos integralistas, que usavam bandeira azul com fundo branco e sigma maiúsculo no centro. Os integralistas se vestiam com camisas verdes, um pequeno círculo branco fixado no braço esquerdo tendo no centro um sigma preto — por isso chamados “camisas-verdes”. As calças e os sapatos eram pretos. Em ocasiões especiais, usavam gorros verdes, no mesmo tom da camisa.

Plínio Salgado, jornalista e escritor paulista, “um caipira astuto e inteligente”, segundo Getúlio, chefe máximo dos camisas-verdes — movimento que se inspirava no governo fascista português de Salazar —, havia acertado com Getúlio que seria ministro da Educação.

Com o golpe, Plínio ficou com a brocha na mão e resolveu dar o troco. As chances de se eleger presidente eram grandes. Nas prévias da Ação Integralista, com larga vantagem de votos, derrotara Gustavo Barroso, Dom Hélder Câmara, Miguel Reale e San Thiago Dantas, entre outros postulantes. O marinheiro João Cândido, da Revolta da Chibata, e o escritor Abdias do Nascimento o apoiavam.

Muita gente de dinheiro, principalmente do Distrito Federal, participava da Ação Integralista, mas à boca pequena se dizia que quem

sustentava de verdade Plínio Salgado era Vicente Meggiore, construtor de prédios em Copacabana e no Centro, fundador do Lions Clube e conselheiro do Instituto Brasileiro do Café.

Durante a década de 1920, Plínio era um escritor conhecido. Participou discretamente da Semana de Arte Moderna em 1922. Em 1928 se elegeu deputado pelo PRP. Nem terminou o mandato e viajou para o Oriente Médio e a Europa. Na Itália conheceu Mussolini e se impressionou com o ideal fascista. A partir de 1932, Plínio idealizou a criação da Ação Integralista Brasileira, movimento partidário com posicionamento político de extrema direita e inspiração fascista, sob o lema “Deus, Pátria e Família”.

Durante essas reuniões no Rio de Janeiro, Vicente Meggiore foi se aproximando de Plínio Salgado e, aos poucos, ganhando status na organização. Endinheirado e respeitado, passou a cuidar das finanças da AIB.

Esplendorosa Forquilha

Vicente e Zé Reis saíram cedo rumo a Petrópolis. O Ford novinho em folha do irmão, dirigido por Zé Reis, ferveu várias vezes na subida da serra, atrasando a viagem. Antes de ir para a luxuosa residência no Bingen, passaram na casa de um velho dirigente da AIB, amigo de Vicente. Zé Reis aproveitou para dar um pulo no D'Angelo e comprar caramelos, biscoitos amanteigados e tomar chá com torradas Petrópolis.

No fim da noite, Vicente se serviu de duas doses de uísque e decidiu se abrir com o irmão, revelando que fora ao estádio das Laranjeiras para checar se a porta sob uma das arquibancadas se abriria sem maiores problemas quando eles, os integralistas, tomassem de assalto o Palácio de Getúlio.

— Como assim? — perguntou Zé Reis, espantado.

— Não quero que fale para ninguém. Segredo absoluto. Não sabemos ainda o dia, mas vamos invadir o palácio e acabar com Getúlio. Depois da traição que ele cometeu, descumprindo o acordo com o Plínio, não nos resta saída.

— E por que vamos viajar amanhã? — quis saber Zé Reis.

— Temos que proteger o Plínio. Se alguma coisa der errado, vamos escondê-lo na fazenda. A que iremos ver para comprar. E estou louco para virar fazendeiro de novo, como fui em Matias Barbosa.

A viagem até a fazenda durou cinco horas. Chovia muito e as estradas enlameadas faziam o Ford atolar. Ficou preso perto de Paraíba do Sul, de Andrade Pinto e, por fim, quase chegando ao destino. O carro foi desatolado com o auxílio de uma junta de bois. Até conseguirem ajuda, levou um tempão.

Vicente e Zé Reis conheciam fazendas bonitas, charmosas, mas quando deram de cara com a Forquilha, se abestalharam.

Jamais haviam topado com casa-grande tão linda e aconchegante, só viam em fotos de revistas ou no cinema. Além da casa-grande, os jardins, o engenho, o paiol, os terreiros de secagem de café, a queda d'água que produzia energia, tudo chamava a atenção pelo acabamento e limpeza. Parecia coisa de cinema, impecável.

O casal de proprietários, João e Silvina Paiva, recebeu Vicente e Zé Reis na espaçosa varanda lateral da sede. O nome Forquilha fora escolhido devido ao rio afluente do Paraibuna, que atravessa as terras da fazenda.

Ah, a casa-grande! Uma joia do século XIX, um majestoso chalé de dois andares, com mobiliário magnífico, lambrequins, janelas de vidros coloridos, belo retábulo para capela interna de Nossa Senhora da Glória, sacristia, oito aposentos, sala de jogos, de jantar e de estar, duas cozinhas, despensa, água encanada, iluminação a gás, quatro banheiros e acomodação para empregados nos fundos da casa.

O proprietário acertou o negócio de porteira fechada: cem cabeças de gado leiteiro, oito bois castrados, dois touros, quatro currais, três terreiros para secar café, quatro carros de bois de tamanhos diversos, quinze cavalos, incluindo quatro éguas, dois jumentos, porcos, galinhas, moinho de fubá, engenho de beneficiar café, alambique para fabricar aguardente, tulhas, estrebaria com muitas selas e arreios, duas charretes, serraria e paióis. Além disso, 10 mil pés de café, plantações de feijão, cana-de-açúcar e milho, pomar com laranja, abacate, tamarindo, limão, lima-da-pérsia, pitanga, amora, goiaba, manga, jaca, jabuticaba, caqui e fruta-do-conde, uma pequena horta com couve, bortalha, temperos, tomate, alface, espinafre, jiló, pimentão, chuchu, maxixe e favas.

Em seus duzentos alqueires mineiros, havia os colonos. Cinquenta famílias que viviam miseravelmente em casas de pau-a-pique, sem iluminação nem água encanada, fazendo as necessidades em precários

banheiros externos com fossa nos “bairros” Belém, Recreio, Mundo Novo e Deserto, pertencentes à fazenda.

Outras duas famílias de empregados moravam em casas de alvenaria junto à sede, e eram responsáveis por trabalhos de cozinha, lavanderia, quitutes, jardinagem, arrumação e pequenos serviços para os patrões e convidados.

Jandira, linda e sorridente neta de escravos e filha de Maria, que chefiava a criadagem, era quituteira de mão-cheia e morava em uma dessas casas. Enquanto os visitantes e patrões fechavam negócio, ela serviu deliciosas roscas, bolinhos e pastéis de fubá feitos por ela, café e sucos de goiaba, laranja e manga. Foi o bastante para Zé Reis começar a se enfeitiçar pela moça.

A venda foi realizada sem rodeios. Vicente acertou pagamento em doze prestações, além de uma polpuda entrada à vista. Como o casal não morava mais lá, apenas passava férias, a entrega das chaves se daria em poucas semanas — tempo suficiente para que Zé Reis se mudasse de vez da Patioba e se tornasse o novo administrador da Forquilha.

Finda a conversa, Zé Reis pediu que Jandira o levasse para conhecer os arredores da casa-grande, o administrador e os empregados da cocheira e do engenho.

Com autorização da mãe, Jandira levou-o para passear. Durante o passeio, criou-se entre os dois um clima de cumplicidade, de afeto. Nascia ali uma paixão, amor à primeira vista. O olhar cativante, o sorriso gracioso e a meiguice de Jandira deixaram Zé Reis abobalhado. Jamais sentira algo parecido.

Maria, mãe de Jandira, tinha nascido perto dali, no quilombo São José da Serra, no bairro Carambita, em Valença. Formado em 1850, o quilombo tinha descendentes de escravos do Congo, da Guiné e principalmente de Angola. Ela era irmã por parte de mãe de Clementina de Jesus, a Quelé, a grande cantora de jongo do lugar. Jandira nasceu na Forquilha, fruto do namoro de Maria com Nezinho, jovem roçador de

pasto que passou pouco tempo na fazenda. Maria criou Jandira sozinha. Nezinho não deu as caras depois do nascimento da filha.

Naquela noite, Vicente e Zé Reis dormiram, e encontraram largados por cima de alguns móveis exemplares do jornalzinho *O Forquilhense*, impresso em mimeógrafo, que registrava causos ocorridos com colonos e a família dos proprietários. O editor: Carlos Frederico Werneck de Lacerda, um jovem de Vassouras que passava férias escolares na Forquilha, conforme explicou João Paiva, proprietário da fazenda e tio do rapazinho.

Carlos Frederico jogou como goleiro no time da Forquilha na histórica partida contra o Terezense, de Rio das Flores, quando o time da cidadezinha enfiou goleada de 7 a 1 nos forquilhenses.

*image
not
available*

do Gostoso, resolveu desafiar o velho pai. Ela era atriz no circo teatro, muitas vezes fazia o público rolar de rir interpretando as caricatas das peças.

— Pai, eu posso substituir o Gostoso.

A sessão ia começar em duas horas. Ela tanto insistiu, que o velho João concedeu uma chance à filha. Ela pôs a roupa do Gostoso, improvisou aqui e ali. Palhaça ou palhaço? Mas não havia mulher palhaço naquela década de 1930, muito menos uma negra. Ninguém permitiria: nem o rígido João Alves, nem o público de Rio das Flores. Então, Eliza engrossou a voz, imitou gestos do Gostoso, criou chistes, pilhérias, virou cambota, caiu e levantou na serragem.

— Muito bem, muito bom. Mas qual o nome desse palhaço, dona Eliza? — perguntou o severo pai.

Tita, irmã mais velha da Elizinha, gostava tanto de música que ouvia as canções da época sempre no volume mais alto. E o que o rádio de válvulas tocava? Exatamente o novo ritmo inventado por Luiz Gonzaga. Era a música “Xamego”. Eliza disse sem pestanejar:

— Xamego, seu João, o meu palhaço se chama Xamego.

“Todo mundo quer saber o que é o Xamego, / Ninguém sabe se ele é branco, se é mulato ou negro”, cantava Luiz Gonzaga. E Xamego estreou em Rio das Flores.

O público delirou. Foi uma noite que Zé Reis, Vicente Meggiore e o povo de Rio das Flores jamais esqueceram e que marcou o início do reinado de Xamego no Circo Guarany.

Antes de voltar à Forquilha no dia seguinte, Zé Reis e Vicente almoçaram na Fazenda Santo Inácio. Ficaram maravilhados: canjiquinha, leitoa crocante, feijão-tropeiro, costelinha, frango de mulher parida, angu, dobradinha. Sem contar os doces de leite, mamão, goiaba e cidra, feitos com esmero no fogão à lenha.

Apaixonado pela beleza e doçura de Jandira, queixo caído com a majestade da Forquilha, entusiasmado com o time de futebol que iria

*image
not
available*

não permitia que os cafezais prosperassem.

Zé Reis gostava do cheiro da terra, da lavoura, de arar, plantar, cultivar fosse o que fosse, milho, cana, legumes, em vez de cuidar de vacas e bois. A cultura da região do Vale do Paraíba, outrora pujante e riquíssima por causa do café, se dedicava cada vez mais à produção de leite e de gado de corte.

A solução para o problema seria o projeto do Banco do Brasil, que prometia pagar por cada pé de café arrancado. O café tomava outros ares, abandonando o Vale do Paraíba fluminense, onde deixou muitos barões do café endividados ou falidos, e viajando para São Paulo e Paraná, onde solos mais jovens, menos castigados, o receberam muito bem.

Montado no Pingo, um vistoso alazão manga-larga marchador, Zé Reis sempre arranjava um jeitinho de se mandar para Rio das Flores, já transformada em município, a fim de acompanhar a construção do campo e saber detalhes da vinda de Dori Kürschner, que havia adiado sua chegada.

Com Ferenc, convocou imediatamente jogadores da região para testes no campinho de terra ao lado da estação ferroviária na entrada da cidade. Ansiosos, queriam colocar o Rio das Flor Futebol e Regatas para jogar o mais rápido possível. O campo oficial estava quase pronto.

A toda hora Zé Reis mostrava fotografias do jogo-despedida que fizeram em homenagem a ele em Seropédica. Quando nas fotos aparecia Thomaz, dizia, orgulhoso:

— Esse menino, que chamam de Zizinho, será profissional e vai jogar na seleção. Anota o que estou dizendo, tenho faro para essas coisas.

Enquanto isso, dois meses depois do fracassado levante, os integralistas se preparavam para o grande golpe. Vicente estava agitadíssimo. A qualquer momento tentariam matar Getúlio e tomar o poder.

*image
not
available*

Getúlio segura o tranco

O golpe integralista eclodiu na madrugada de 11 de maio de 1938. O chefe Plínio Salgado foi preservado e afastado da rebelião. O comando geral coube a João Cândido Pereira de Castro Junior, tendo como imediato o médico Belmiro Valverde.

O tenente Severo Fournier comandou o ataque ao Palácio Guanabara, com um grupo paramilitar vestindo farda dos fuzileiros navais. O tenente Júlio Nascimento, da Marinha, em plantão no Palácio, abriria os portões para a entrada dos rebeldes. Do alto de uma árvore, um atirador procuraria atingir o presidente em seus aposentos.

Outros grupos foram designados para, na mesma hora, prender o ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, e o chefe do Estado-Maior, general Góis Monteiro, em sua casa em Copacabana, e outras autoridades militares em suas respectivas residências.

Dois oficiais se apresentaram na prisão onde estavam Otávio Mangabeira e Euclides Figueiredo, levando ordem de soltura. A ideia era que ambos assumissem posições de comando no golpe.

Os camisas-verdes tomaram o Ministério da Marinha e a rádio Mayrink Veiga para anunciar que Getúlio, cercado, seria deportado e uma Junta assumiria o governo imediatamente.

Por pouco não mataram Getúlio — havia apenas alguns guardas na segurança do Palácio. Vargas foi salvo pela valentia do irmão Bejo, pela chegada de reforços comandados pelo general Dutra, que escapou da tentativa de prisão pelos camisas-verdes, e pelas metralhadoras colocadas por Filinto Muller nas janelas, com o intuito de assustar, porque não havia gente suficiente para operá-las.

*image
not
available*

O “moço preto”

Quem desloca recebe, quem pede tem preferência.

Gentil Cardoso

Com Vicente atrás das grades, Zé Reis tocava a Forquilha, e também o Rio das Flor Futebol e Regatas, que acabara de ser registrado com as cores vermelho e branco em homenagem ao América, o time do coração, e à escola de samba Deixa Falar, onde desfilara durante anos no bairro do Estácio e que já não existia.

Ele adorava samba, não perdia os desfiles na praça Onze, era amigo de Bide e de Ismael Silva, compositores e fundadores da Deixa Falar. Com Bide tomou aulas de cavaquinho, e desistiu rapidamente porque não levava jeito. Chegava às lágrimas quando Bide tocava “Prece à Lua”, música dele em parceria com Marçal. Às vezes se mandava de Seropédica para se encontrar no Buraco Quente da Mangueira com Cartola e Carlos Cachaca, fundadores da Estação Primeira, a escola querida. Curtia as rodas de pernadas, famosas pela violência, principalmente quando participavam Chico Porrão e Otávio Grande, valentões do pedaço.

Zé Reis participou do primeiro desfile, ou “campeonato de samba”, organizado pelo jornal *O Globo*, em 28 de fevereiro de 1933. Desfilaram 25 escolas previamente inscritas e outras dez que não tiveram participação oficial. Cada escola teve que cantar três sambas inéditos. O julgamento premiou apenas as cinco primeiras. A Mangueira, com o enredo “Uma segunda-feira no Bonfim, na Ribeira” foi campeã e Cartola arrancou aplausos da plateia com o samba “Fita meus olhos”.

*image
not
available*

Hoje, às 19h30, diretamente da França, falarão, em sensacional reportagem, o grande técnico PIMENTA, e os grandes cracks LEÔNIDAS, DOMINGOS, PERÁCIO, HÉRCULES, BATATAES, LUIZINHO, ROMEU etc...

Essa irradiação, que é patrocinada pelo “PEITORAL BARUEL”, será feita pelas seguintes estações: Mayrink Veiga (Rio), S. Paulo, Record, Cultura, Difusora, Tupy, Excelsior.

Getúlio decretou feriado nacional para que todos pudessem ouvir.

A seleção jogou de azul, sem distintivo, porque perdeu o sorteio para a troca de camisas (as duas seleções jogavam de branco).

A maior vibração foi quando estava 5 a 4 e Leônidas acabara de desamarrar a chuteira. Ele percebeu que o tiro de meta do goleiro Madesjski vinha em sua direção. Rápido, se levantou, arrancou a chuteira do pé e, de meia, emendou a bola ao fundo das redes polonesas. O juiz validou o gol mesmo assim.

Enquanto a seleção seguia pelos campos franceses, passando sofridamente em dois jogos pela Tchecoslováquia — o primeiro terminou 1 a 1, com empate de 0 a 0 na prorrogação, e o segundo, para desempatar, vitória de 2 a 1, com show do Homem Borracha Leônidas da Silva —, o Rio das Flor intensificava treinamentos para disputar a Liga Valenciana, agora sob o comando de outro húngaro, Nicolas Ladanyi, trazido do Rio por Ferenc.

Capitão Ladanyi, chamado assim por participar como soldado das forças austríacas na Primeira Guerra Mundial, foi campeão quatro vezes pelo Botafogo entre 1930 e 1934, quando o Campeonato Carioca era disputado por duas ligas diferentes. Antes de ir para Rio das Flores, dirigiu o América por pouco tempo. Era divertido, cantava com voz de barítono, tocava violão, mantinha amizades com artistas e tinha cadeira cativa no Cassino da Urca, onde foi diretor artístico. Ia sempre assistir aos shows das irmãs Pagãs e de Carmem Miranda e apostar no carteadado e na roleta nas três imensas salas de jogos do esplendoroso cassino.

*image
not
available*

craques da fazenda eram Ozires e Delviro, que jogaram no time reserva do Rio das Flor.

Mas havia outra paixão, Zé Reis se emocionava com a Folia de Reis. Os cânticos, a música, a reza, os uniformes, o malabarismo dos palhaços, a atmosfera mexia demais com ele.

Certa vez, tomou coragem e pediu autorização ao seu Lelêco, mestre da Estrela Guia e afamado curandeiro, para ser palhaço na Folia de Reis.

Seu Lelêco era uma espécie de santo. Homem alto, magro, alourado, chapéu de palha na cabeça, pés descalços, voz fina. Nunca trabalhou na Forquilha, mas tinha parentes lá. Morava e trabalhava na fazenda ao lado, a Bem Posta, como roçador de pasto.

Sempre o chamavam quando alguém se machucava, se cortava, quebrava braço, perna ou se era picado por cobra. Ele chegava, rezava, conversava com o doente e com as pessoas em volta em tom baixinho, quase imperceptível.

Pegava um pedaço de pano vermelho, uma agulha, linha nova e enquanto costurava dizia, depois de perguntar o nome da pessoa: “O que eu coso?”.

A pessoa respondia: “Carne quebrada, osso rendido e nervo ofendido”.

“Esse mesmo eu benzo e coso, e carne quebrada que solda, nervo torto que se endireite, osso rendido que volte ao seu lugar. Tudo vai ser soldado, com o nome de Deus, Jesus e Virgem Maria.”

Dali, se preciso, a pessoa era levada ao hospital em Valença. Muitas vezes não precisava, a benzedura era suficiente.

A folia saía pelas estradas de terra entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, celebrando a visita dos Três Reis Magos ao Menino Jesus. Os palhaços, mascarados e fantasiados, protegiam a bandeira, pedindo dinheiro aos moradores enquanto executavam malabarismos e faziam zoeira.

Seu Lelêco ficou de pensar sobre o pedido de Zé Reis. Pensou em aceitar de cara, mas tinha dúvidas se devia misturar o administrador,

*image
not
available*

A Itália não tomou conhecimento dos húngaros. Sapecou 4 a 2. A dupla de artilheiros esbarrou no esquema defensivo armado por Vitório Pozzo, técnico que se tornou bicampeão mundial. Os italianos haviam renovado o time campeão de 1934 e com os novos jogadores ganharam a medalha de ouro nas Olimpíadas em Berlim e depois a Copa na França.

Quando saíram de Roma para disputar a Copa, receberam intimação do ditador Mussolini antes do embarque para a França: “vencer ou morrer”. Ao receber a taça Jules Rimet, o capitão italiano Giuseppe Meazza, sob os olhares do Duce Mussolini, que assistiu à decisão das tribunas, fez saudação nazista e acabou vaiado por grande parte do público presente ao estádio olímpico de Colombes, vizinho a Paris.

Ferenc e Ladanyi choraram como crianças, imaginando a dor dos amigos e parentes distantes. Os rioflorenses torceram pelos húngaros. Depois do jogo e da choradeira, os húngaros serviram para Zé Reis, Jandira, o prefeito Farid, o vigário dom Martinho e o escrivão Arides um apetitoso *goulash*, acompanhado de *spatzles*, macarrãozinhos preparados por Ferenc. Receitas da moça Andrea Kaufmann, amiga de Budapeste:

Goulash

Ingredientes

- 1 kg de paleta em cubos
- Farinha de trigo para polvilhar
- 2 colheres (chá) de páprica
- 2 colheres (chá) de páprica picante
- 100 g de manteiga
- 2 colheres (sopa) de azeite
- 1 dente de alho
- 4 cebolas picadas
- 3 colheres (sopa) de vodca
- 2 maçãs descascadas e raladas
- ½ xícara (chá) de vinho branco seco
- 1 ½ litro de caldo de carne

*image
not
available*

mesmo contrário à união do casal, deu como presente de lua de mel estadia de fim de semana no Copacabana Palace, além de abrir o palacete de Petrópolis, no Bingen, para o casal ficar o tempo que quisesse.

Para se hospedar no famoso hotel e frequentar o cassino, Zé Reis e Jandira alugaram roupas e até smoking para ele. O casal dançou ao som da orquestra do maestro Fon-Fon, assistiu a show de Grande Otelo e Josephine Baker e deu de cara na piscina do hotel com Walt Disney, que estava no Brasil lançando o personagem Zé Carioca. Por um triz não cruzaram com a cantora francesa Mistinguett, adoentada, que não saiu do quarto durante os dias em que o casal esteve lá. Ela fazia sucesso nos palcos do cassino do hotel.

Jandira era apaixonada por Zé Reis, orgulhava-se dele, que sempre inventava coisas, agitava, não parava um só minuto. Ouvia dizer que ele tinha amantes em Rio das Flores, mas não acreditava. Se tivesse, como conseguia esconder os casos em uma cidade tão pequenininha?

Terminada a Copa do Mundo, o Rio das Flor realizou jogo-treino contra a seleção de Paraíba do Sul, distante oitenta quilômetros, para se exibir ao povo rio-florense antes do início da Liga Valenciana. Zé Reis cobrou ingresso e anunciou plano de sócio-torcedor para ajudar o time.

Como atração para a partida-exibição vieram de Paracambi os irmãos Osni (goleiro) e Ely do Amparo (zagueiro), o jovem Thomaz, do Byron, Jair, o do canhão nos pés de Quatis, e o veterano Gradim, jogador do Bonsucesso e ex-Vasco, apelidado de “Coringa” porque jogava em qualquer posição e estava de férias em Vassouras, cidade próxima.

Foi um baile, 7 a 1, gols de Thomaz (3), Jair, João Castelo Branco e Rubinho, atacante canhoto do Pau Seco, time do interior gaúcho, indicado por Gentil Cardoso e pelo escritor Moacyr Scliar. Thomaz, o Zizinho, demonstrou talento acima da média, assim como Jair, o Jajá de Barra Mansa. Deram show!

A torcida se empolgou, festejou e aumentou a expectativa para a estreia contra o Valenciano no domingo seguinte. Houve lamentação

*image
not
available*

Celeiro de craques

Rio das Flor fechou o ano em estado de graça.

O Vermelho e Branco conquistou a Liga Valenciana com pé nas costas. Jogo difícil apenas um, contra o Coroados, em Valença — as disputadas eram ida e volta —, quando venceu por um suado 3 a 2. Nos outros, só goleadas, a maior de 6 a 0 no Monte D'Ouro.

O atacante gaúcho Rubinho foi destaque e artilheiro da competição, enquanto Ozires e Delviro, retireiros nos currais da Forquilha, se saíram bem atuando nas laterais.

Outro que se destacou foi o goleiro Aristides, sobrinho de seu Lelêco, tratorista da prefeitura, conhecido como o Batatais do Sul Fluminense, devido à semelhança física, não esportiva, com o goleiro do Fluminense e da seleção brasileira.

Rio das Flor conseguiu vaga na Liga Fluminense. Sob o comando de Ladanyi, dos sete campeonatos que disputou, o time de Rio das Flores ganhou cinco. Jogava num WM estilizado, mas o fato de Ladanyi se utilizar de métodos de psicanálise para dirigir o Rio das Flor chamou a atenção da imprensa húngara.

Jornalistas de revistas e jornais húngaros se deslocaram para Rio das Flores para entrevistá-lo. Ladanyi revelou-lhes segredos que não havia contado a ninguém durante os dez anos em que estava no país.

— Fiz cursos com Freud na Áustria, em companhia da Melanie Klein, grande amiga. Meu mestre foi Sándor Ferenczi, o pai do estudo psicanalítico na Hungria. Ele estudava o impacto do trauma infantil na construção do indivíduo. E pesquisou bastante sobre hipnose. Foi

*image
not
available*

disenteria. O médico a bordo afirmou que eles estavam com febre tifo, terrível doença. Chegamos a Belém no dia 28 de fevereiro e foram reservadas passagens para a gente embarcar no primeiro vapor que tivesse como destino Recife. Para nosso azar, no dia 1º de março, o governo decretou a paralisação do tráfego marítimo.

As famílias dos jogadores do Rio das Flor, aflitas e desnorteadas, queriam mais detalhes. Estavam sem notícias e apreensivas, o mundo estava em plena Guerra. Zé Reis foi ao Rio de Janeiro e, depois de dias tentando se comunicar com eles, conseguiu conversar rapidamente pelo telefone com Tiburcinho. A ligação era ruim e caía a todo instante.

— Arranjamos novos jogos para pagar as despesas com alimentação e hospital. Hospedagem não é problema, porque estamos alojados na garagem náutica do Clube do Remo. Avise que estamos bem, seu Zé.

Pelo *Jornal dos Sports*, que recebia com dois dias de atraso em Rio das Flores, Zé Reis soube do pior.

Dois dias depois da vitória sobre o Remo por 4 a 2, a fatídica excursão teve seu primeiro mártir: na madrugada do dia 4, a febre tifo matou o jogador King. O corpo ficou na sede da Federação Paraense de Desportos e foi enterrado no cemitério de Belém. Mais três dias e novo jogo foi realizado. Era domingo de Carnaval e o Santa Cruz/Rio das Flor jogou de luto. Depois do jogo, receberam outra notícia trágica: a febre tifo também matou Papeira. Todo mundo chorou.

O pessoal estava desesperado. Os dirigentes tentaram retornar ao Recife por via aérea, mas, além das deficiências da aviação comercial, não havia dinheiro para comprar as passagens. Quando o tráfego marítimo foi reaberto, a delegação conseguiu vaga num rebocador que os levaria ao Recife. Quando todos estavam alojados, veio a ordem de que não podiam viajar porque o navio havia recebido carga inflamável.

O chefe da delegação, Aristófanés Trindade, já não sabia o que fazer. Houve parada em São Luís. Para juntar algum dinheiro, os jogadores

*image
not
available*

da Representação Popular), que reunia antigos integrantes da Ação Integralista. Poucos integralistas se elegeram.

Na Forquilha votaram Zé Reis, Jandira e mãe Maria; Otacílio, zelador da cocheira e domador de cavalos; Jorge, sanfoneiro; Antônio Neto, chefe dos roçadores de pasto; Zé Antônio, organizador dos terreiros de café e barbeiro dos colonos; e Ozires e Delviro, que cuidavam dos currais. Os outros colonos, analfabetos, não podiam votar. Apenas Zé Reis votou no Yedo Fiúza, todos os outros votaram no Dutra.

Já presidente, o insípido general Dutra, atendendo a um pedido da mulher, a supercarola Carmela, conhecida por dona Santinha, proibiu os jogos de azar, sob o argumento de que o jogo “é degradante para o ser humano”.

A época gloriosa e opulenta dos cassinos durou doze anos. Com a proibição e o fechamento de setenta cassinos, o desemprego atingiu perto de 40 mil trabalhadores entre músicos, cantores, figurinistas, produtores, costureiras, técnicos de som e de iluminação, além de crupiês, garçons, barmen, cozinheiros, serventes, seguranças, pessoal da administração e limpeza. Estava feita a vontade de dona Santinha, odiada pelo resto da vida pela classe artística.

*image
not
available*

Palhaço da folia

O investimento em sete vacas holandesas deu resultado e aumentou consideravelmente os litros de leite enviados pela Forquilha à Cooperativa de Rio das Flores. O rebanho de cem vacas, em duas ordenhas diárias, produzia 1300 litros diários de leite. Das sete holandesas saíam 175 litros. O aumento foi o bastante para a Forquilha enviar litros de leite também para a Cooperativa de Andrade Pinto, porque a de Rio das Flores já não dava vazão.

Vicente demitiu meia dúzia de colonos, que ficaram sem função depois que o Banco do Brasil começou a pagar pelos pés de café arrancados.

E trouxe duas famílias de italianos, seis pessoas, recém-chegadas da Calábria, com a tarefa de colocar a horta e o pomar em ordem. Zé Reis não aprovou as demissões, mas recebeu com euforia os italianos porque curtia o pomar como ninguém.

A Forquilha vivia um momento encantado. Havia bailes em casas de colonos nos fins de semana, ensaios de Carnaval eram realizados na escolinha, missas com presença de gente de fazendas vizinhas e dos colonos aconteciam uma vez por mês na capela de Nossa Senhora da Glória e, aos domingos, a bola rolava no campinho, com o time da Forquilha enfrentando equipes de fazendas e sítios da região.

Além de Nilza, Jandira e Zé Reis tiveram mais dois filhos em escadinha, Vicentinho (em homenagem ao irmão e patrão) e Helena. Zé Reis não teve mais a companhia de seu Pinheiro, levado de volta ao Rio para tomar conta do condomínio de casas populares que Vicente construía na Boca do Mato, ao lado do Méier.

*image
not
available*

milhões de mortes, assim como a trágica Guerra Civil espanhola, com derrota dos republicanos e a morte de 150 mil pessoas e milhares de desaparecidos.

Ele fantasiava as histórias. Narrava sem pressa, sentado num banquinho de madeira na porta do engenho, em frente ao escritório. Os colonos ficavam de boca aberta com os causos, se divertiam, batiam palmas. Era como se assistissem a um filme no Cine Santa Thereza, em Rio das Flores. Zé Reis gesticulava, imitava vozes, dizia poemas, - cantarolava.

Depois das cinco da tarde, quando o sino colocado em frente ao engenho tocava avisando o fim do expediente, e até escurecer, Zé Reis era o centro das atenções. Várias vezes Jandira tirava-o à força porque o jantar estava esfriando. Enquanto Zé Reis se exibia, Zé Antônio, com esmero, fazia barba e cabelo do pessoal.

*image
not
available*

Zsa Zsa e Martim

Nicolas Ladanyi resolveu ir embora.

Queria assistir às partidas da Copa no Maracanã e depois voltar para a Hungria, saudoso da terra natal. Antes, passou breve temporada em Petrópolis como treinador do Petropolitano. Tinha o sonho de frequentar o Hotel Quitandinha, com capacidade para mil pessoas e que fervilhava exibindo shows com atrações internacionais. Ladanyi, boêmio, era amigo do empresário Joaquim Rolla, dono do Quitandinha e do antigo Cassino da Urca, onde havia trabalhado. Acabou não viajando para a Hungria e, depois da Copa, arranjou emprego como diretor social do hotel.

Ferenc sentiu a ausência do amigo. Zé Reis se entristeceu, fazia dez anos que conviviam em Rio das Flores, e tratou de arranjar substituto. Quem lamentou a decisão de Ladanyi foram os sócios do clube 17 de Março, onde ele passava para cantar e tocar violão. Muitas vezes foi *crooner* em bailes animados por conjuntos que vinham de fora.

A passagem inesquecível de Ladanyi por Rio das Flores aconteceu depois do Carnaval de 1949. Ele levou Zsa Zsa Gábor, famosa estrela húngara de Hollywood, para passar alguns dias na cidade. Conheceu a atriz no baile do Copacabana Palace e a moça se encantou com ele, homem vistoso, alto, olhos azuis. E com a vantagem de ser conterrâneo.

Rio das Flores virou notícia mundo afora. Teve direito a fotos em jornais norte-americanos de Zsa Zsa Gábor tomando banho nua na cachoeira do Amor, nas terras da fazenda Independência.

Ela deu autógrafos, tirou fotos, desfilou com vestido super decotado em cima de um jipe sem capota emprestado pelo Moacir Bastos,

*image
not
available*

outros dariam uma volta e meia em torno da Terra), 60 mil metros cúbicos de terra, 45 mil de areia e 650 mil metros quadrados de madeira.

Vicente Meggiore lucrou com a construção do estádio. Associou-se a mais duas empreiteiras e participou de boa parte da obra. Como a acompanhava constantemente, convidou Zé Reis para ver como andavam as coisas.

Zé Reis ficou maravilhado com o gigantismo. Chorou de emoção. Para ele, fanático por futebol, estar ali era mais do que um presente, era um acontecimento histórico em sua vida, algo mágico. Momento para não esquecer jamais. Quando voltou à fazenda, contou o que viu para os colonos. Desta vez não precisou exagerar nos detalhes, o que vira era grandioso demais.

E acabou que um dos orgulhos do Rio das Flor, o goleiro Osvaldo Topete, entrou para a história por sofrer o primeiro gol do Maracanã, em 17 de junho, amistoso de portões abertos entre seleções de novos do Rio e São Paulo, um dia depois da inauguração oficial, que reuniu Dutra, o prefeito Mendes de Moraes, políticos, candidatos em campanha eleitoral, dirigentes esportivos, bicôes, jornalistas e convidados que subiram a rampa principal entre filas de alunas do Instituto de Educação.

A partida serviu de teste para a Copa que começaria dali a uma semana. O primeiro gol no estádio foi marcado por Didi, sestroso jovem meia do Fluminense comprado ao Madureira, aos nove minutos da partida. Os paulistas venceram por 3 a 1.

Osvaldo Topete jogou meia temporada no Rio das Flor, emprestado pelo Ypiranga da capital paulista enquanto se recuperava de contusão no tornozelo. Voltou à ativa no Ypiranga e foi convocado para o amistoso. Gostou tanto da cidade que, antes de se transferir para o Bangu, disputou algumas partidas na Liga Fluminense pelo time rio-florense.

*image
not
available*

Iam para o bar do Sinal, onde colocaram possantes rádios para a população ouvir Jorge Cúri e Antônio Cordeiro, locutores da Nacional (PR-8), cada um narrando uma metade do campo. Isso porque Zé Reis foi voto vencido, preferia ouvir os jogos na voz aveludada de Oduvaldo Cozzi na Mayrink Veiga (PRA-9), com comentários do compositor e jornalista pernambucano Antônio Maria, conhecido pela ironia e perspicácia.

Estava tudo pronto para dar certo. A seleção passou com tranquilidade pelo México (4 a 0), Iugoslávia (2 a 0), Suécia (7 a 1) e Espanha (6 a 1). A goleada contra a forte seleção espanhola, com direito a requintes técnicos jamais vistos numa seleção brasileira, virou festa. Quando o voluntarioso Chico marcou o quarto gol, aos dez minutos do segundo tempo, a torcida enlouquecida cantou em coro “Touradas em Madrid”, sucesso carnavalesco de 1938.

Na única partida disputada pela seleção brasileira fora do Maracanã, a seleção empatou com a Suíça em 2 a 2, no Pacaembu, em seu segundo jogo na Copa. Zizinho, que acabara de ser contratado pelo Bangu, contundido, estreou apenas contra a Iugoslávia na terceira partida. Foi a maior atuação dele na Copa, fez gol, teve outro anulado, deu passe para Ademir fazer um e saiu de campo ovacionado.

Jair Rosa Pinto, que jogava pelo Palmeiras depois de ter a camisa número 10 queimada pela torcida rubro-negra acusado de corpo mole na goleada de 5 a 2 diante do Vasco, foi o melhor em campo e marcou um gol na estreia contra o México.

Havia temor de que o estádio do Maracanã fosse grande demais e que não enchesse de gente.

Já na primeira partida contra o México, dia de São João, o gigante de concreto gerou a maior renda registrada até então numa partida de futebol na América do Sul, Cr\$ 2,6 milhões. A geral custava Cr\$ 15, arquibancada Cr\$ 30 e cadeira numerada Cr\$ 140. Os ingressos eram

*image
not
available*

Levaram quatro horas e meia para chegar à Forquilha. Zizinho até cochilou durante o trajeto.

Zizinho, o melhor jogador do país. Mirradinho, 1,69 m, era um demônio. Habilidoso, não fazia muitos gols, mas municiaava como ninguém os companheiros. “Pianista e carregador de piano ao mesmo tempo”, dizia-se dele.

Mestre Ziza reinou com a camisa do Flamengo. O seu azar foi a Segunda Guerra impedir a realização das Copas de 1942 e 1946. Estaria no auge da forma, jovem, comendo a bola como o maior ídolo rubro-negro. Se foi o melhor na Copa de 1950, imagina nessas outras!

Jogava no Byron de Niterói quando ficou amigo de Zé Reis, que o levou para fazer testes no América, time do coração dos dois. Os técnicos das divisões inferiores acharam Zizinho pequenininho demais e o dispensaram, o que deixou Zé Reis profundamente irritado e Zizinho magoado.

Zizinho, assim como Friedenreich, El Tigre, o primeiro grande ídolo negro do futebol brasileiro — filho de um comerciante alemão e uma empregada doméstica, filha de escravos —, gastava um tempão diante do espelho para amassar a cabeleira cheia dos lados e espichada para cima. E se alguém o provocava por causa do cabelo, partia para a briga.

Na Forquilha, Zizinho fez caminhada, tomou banho de cachoeira e foi de charrete jogar conversa fora e tomar umas no Orestes, vendinha onde os colonos faziam compras e tomavam cachaça e vermute. À noite, depois do jantar, retomou a conversa com Zé Reis. As pessoas na venda o trataram com muito respeito e devoção e ele ficou emocionado. Zé Reis tentava acalmá-lo.

— Perder a Copa é chato, terrível. Mas você saiu por cima, foi eleito o melhor jogador e ainda tem anos pela frente para mostrar o enorme talento.

— Queria ser campeão do mundo. Fui eleito o melhor jogador jogando com uma perna só, meu joelho esquerdo não estava nada bem e

*image
not
available*

jogador que viu jogar, Zé Reis fez a cabeça de Béla Guttmann. Que prometeu:

— O dia em que eu dirigir um time no Brasil contrato o Zizinho, pelas maravilhas dele que você me contou.

No início de 1951, um ano depois da tragédia da Copa do Mundo, Zé Reis voltou ao Maracanã para prestigiar o outro ídolo, Jair Rosa Pinto. Fazia tempo que não se viam. O craque jogava no Palmeiras e ia pouco ao Rio.

Zé Reis desejava ter ido antes ao Maracanã assistir ao jogo final entre Vasco e América pelo Carioca de 1950, disputado em janeiro do mesmo ano da Copa Rio Internacional.

Preocupado em não passar mal, excitado demais que estava, atendeu ao pedido de Jandira e ouviu na fazenda a partida pelo rádio. Reuniu alguns colonos para torcer juntos, mas não deu certo. O Vasco venceu por 2 a 1, gols de Ademir contra um de Maneco, resultado que deixou Zé Reis arrasado pela chance que o América desperdiçou de ser o primeiro campeão no maior estádio do mundo.

Portanto, ficou entusiasmado quando recebeu convite do Jajá de Barra Mansa para assistir à final da Copa Rio Internacional contra a Juventus da Itália. O torneio reunia oito equipes: Vasco, Áustria Viena, Nacional do Uruguai, Sporting, Juventus, Nice, Estrela Vermelha, além do Palmeiras. Os times se enfrentavam em turno único. O Palmeiras fez os três primeiros jogos no Pacaembu, vencendo o Nice (3 a 1) e o Estrela Vermelha (2 a 1), perdendo de goleada para o Juventus por 4 a 0. Nas semifinais contra o Vasco, no Maracanã, venceu por 2 a 1 e empatou em 0 a 0.

Na decisão do título o Palmeiras ganhou o primeiro jogo da Juventus por 1 a 0, gol do ponta-esquerda Rodrigues. Precisava de empate no segundo jogo para ser campeão do mundo. Terminou 2 a 2 e Jair, como capitão, recebeu o belíssimo troféu e comandou a volta olímpica. Jair